

Uma simples flor nos teus cabelos claros

(Continuação da pág. 13)

Toda ela sorria e, no entanto, o rosto estava quieto e vivo como uma rosa de sol, uma rosa de Natal, ou outra flor qualquer de poetas. Talvez Desnos, Maïakovsky, ou Van Gogh, ou Eluard. E talvez mesmo nenhum destes e muito menos Gide, Debussy, Mann, porque um momento assim é a véspera do estado de graça; quando as palavras perdem o sentido e a força, oh, querido, os gestos trazem uma nova linguagem, gosto, gosto muito a glória e a inteligência física, querido...

— Gosto muito dele, querido.

— De quê?

— Do penteado da Nanda. Aquele do Martin, do novo cabeleireiro da Isabel. Fica assim, puxado para este lado, vê? Ficava-me bem, não ficava?

— Sim, acho que sim. Quer dizer, talvez fique bem, Lisa.

«Toda ela sorria e o moço sentia-lhe o rosto calmo, à luz da vela.

Algures, onde a luz não alcançava, o homem abria as garrafas com puzões secos. Não o viam dali, mas sentiam-lhe a voz boiando nos fundos da casa.

— Dantes ainda o cabo-de-mar aparecia por cá. Bebíamos um copo, faldávamos um bocadinho... Mas agora nem isso. Está-se nas tintas. É claro, não é como no verão, não há banhistas nem muitas.

Atravessou a loja devagar, uma garrafa em cada mão, falando, sacudindo a cabeça muitas vezes.

— Há mais dum mês que não lhe ponho a vista. Ehee... fico-me para aqui, ouço o aparelho, e nem à vila me apetece ir. Mas desta vez tem que ser. Tenho que saber o que se passa lá com os da central. A preta é p'rá senhora?

Encheu os copos e endireitou-se todo. Acrescentou:

— E se havia homem que temesse mais a música do que eu. Não gostava, isto é que é falar com sinceridade. Música não era comigo.

La continuar quando Paulo lhe estancou a fala com um gesto. O homem recuou um passo para o meio da casa e quedou-se em silêncio.

Assim, rodeado de sombras e com o corpo seco levemente encolhido, parecia um enorme pássaro negro. Mas daí a pouco soltou o primeiro esguicho duma rizada, as mãos ossudas apertaram no ar desajeitadamente, os olhos apertaram-se-lhe muito firmes.

Riu, riu, e depois disse:

— Não tem importância. É lá fora, uma folha de pita que está nas traseiras.

— Tem graça, disse Maria. Parecia alguém a bater à porta com força.

— Não, senhor. Aquilo é uma folha seca que bate assim quando lhe dá o nordeste.

— Tem graça.

— É isto, pode ter a certeza. Aqui dentro não há barulho que eu não conheça, seja ele qual for. Por duas ou três vezes que pensei em cortá-la, mas não posso. Faz-me falta p'rá vedação.

Fez um gesto com as mãos e com os ombros como quem diz que não tem importância, e pôs-se a raspar as unhas grossas com um canivete.

Ficaram os três em silêncio. Maria tinha a mão estendida sobre a mesa, procurando a dele e apertando-lha suavemente. E, entretanto, ouviam o vento brando a roçar-se pelas dunas, a folha de pita lá fora e até às vezes o estalejar do pavio da vela.

A certa altura o homem endireitou-se dum salto, apontando a janela com a folha do canivete:

— Acolá. O patrulha, espere... Acolá. Olhe, agora, agora.

No oceano as duas luzes da embarcação piscavam ao ritmo das vagas.

— É o patrulha da costa. Apostava em como devem estar a dar nove horas. Nove horas, mais minuto, menos minuto, bem entendido.

Precisamente àquela hora, começa um programa de fados e guitarradas num posto emissor qualquer, depois do noticiário internacional e dos anúncios comerciais para uma só propaganda dos bons produtos.

— Esta coisa agora da central é que... Nahaa, amanhã têm-me à perna. Deixo o cão aqui dentro e vou lá saber que pouca vergonha é esta.

— Ah, também cá tem um cão?

O homem disse que tinha, pois:

— Um animal terrível. Deus livrasse a senhora. Terrível. Mas ao menos posso deixá-lo aqui dentro e ir para onde me apetece que vou sossegado. É que daqui à vila ainda são oito quilómetros. Se os senhores não ficarem, vão ver. Um bom bocado. Mais a mais de noite...

A rapariga ouvia-o falar e não lhe perdia um só gesto, os olhos rindo, a apertar a mão de Paulo contra a sua.

— Oh, deixa-me vê-lo. Ouça, pode-se ver o cão? Deixa-me só vê-lo, Paulo.

O homem tirou uma corrente da gaveta do balcão e arrastou-a no sobrado. Saiu.

Paulo encolheu os ombros:

— Vê o que arranjas, Maria.

— Nada, disse ela, e tão baixo que Paulo mal a entendeu. Não sei porquê, mas não há hoje nada que me faça medo. É estranho, mas não há. Não há, Paulo.

O moço olhava-a bem de frente, nos olhos, os cabelos claros e soltos, e a boca sem côr, a pele fresca, rija, a respiração serena.

— Maria...

Puxou uma bafurada profunda.

— Maria, tornou ele. Desculpa ter-te trazido para aqui...

Tinha a ponta do cigarro ardendo-lhe nos dedos e apertava-a fortemente.

— Uma coisa que te queria dizer. Já há muito que ta queria dizer. Não sei desde quando, Maria. Há muito, pronto.

Então abriu os dedos, o cigarro esmagado pendeu preso à pele pelo morrão. Acendeu outro a seguir, na chama da vela, sem contudo o aproveitar porque o queimara de mais, sujando-o de fumo, e tirou novamente outro e pôs-se a chupá-lo ruidosamente para o acender.

— Talvez, disse depois. Talvez te queiras ir embora quando eu to disser.

— Oh, não digas.

— Tem que ser, Maria. Tenho que to dizer. Talvez te queiras ir...

— Não, não é preciso. Eu sei, não digas.

Só nesse momento a pôde ver bem. Estava a sorrir, o nariz tremendo ao de leve, e murmurava:

— Também eu, Paulo. Também eu tenho pensado nisso muitas vezes. Talvez, sei lá, talvez eu mesma to dissesse.

— Oh, Quim. Inda não?

— ...

— Maçada, filho. Quase duas horas e tu nisso.

— Era só acabar de ler uma história.

— História de quê? Não ouves, Quim? Então não quer dizer que história é?

— É uma coisa sobre um rapaz e uma rapariga que estão numa praia...

— Estão numa praia, e depois?

— Depois vão tomar banho. A noitinha, quando o sol vai mesmo a desaparecer.

— Tu estás louco, Quim. À noite, imagina. Que cómico, Quim. À noite.

— Sim, à noite.

— Que coisa tão cómica. Dois malucos a tomarem banho a altas horas.

— Não, querida. Estes não eram malucos.

— Ora, deixa-te de coisas, Quim. Agora com parvoíces dessas. Sempre gostava de te ver saltar da cama e ires tomar banho a uma hora destas. O que eu não dava para ver isso, Quim.

— Não sei. Talvez eu fosse capaz de o fazer.

— Jesus. O meu Quim está maluco. Então era capaz de deixar assim a sua mulherzinha... Está malhuquinho, no tá?

— Quieta, Lisa. Está quieta...

— Malhuquinho. Agora com coisas dessas em vez de adormecer. Percebe? Aqui, pois. Com muita roupinha e muito agasalhadinho, no pé da sua mulherzinha. Malhuquinho, não é?

— Está quieta, Lisa.

Fechou o livro e apagou o candeiro.

JOSE CARDOSO PIRES